



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2014

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2 hours

70 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

Responda apenas a **duas** perguntas.

PERGUNTA 1 ROMANCE/NOVEL

Os candidatos terão de aludir principalmente à revitalização da linguagem e à situação neológica, isto é, a moçambicanização da língua portuguesa.

[35]

OU

1. O narrador é o indivíduo de Tizangara que se apresenta como tradutor, filho de Sulpício, e é encarregado de acompanhar Massimo Risi na sua investigação da explosão dos soldados da ONU. (2)
2. O narrador é um tradutor de culturas e tem a função de dar voz ao país, isto é, de reconstruir o Moçambique após a guerra civil, caracterizado pela pobreza e falta de recursos. É ele que estabelece a ponte entre as tradições orais e a escrita, isto é, a ponte entre os antecedentes que provocaram a insatisfação do povo e levaram aos rebentamentos para que Massimo Risi compreendesse quão diferente era o universo em que penetrara. As suas palavras no princípio do livro, 'o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram', salientam o seu distanciamento da função habitual de um narrador, visto a sua missão se dirigir para além do concreto, nomeadamente a recuperação de tradições, mitos e lendas esquecidos devido aos anos de guerra. É o tradutor de culturas e de espaços. (5)
3. Massimo Risi é o investigador italiano representante das Nações Unidas que acompanha a delegação de inspecção aos rebentamentos. Ele é o 'estrangeiro', desconhecedor da cultura local e a quem é preciso 'traduzir' o que vive. (2)
4. Os candidatos devem abordar o seguinte: a velha é Temporina, uma mulher que é velha de dia e nova de noite. Temporina tem 'tempo' por palavra mãe e representa os dois tempos: o passado, o tempo velho, em que as pessoas apesar da colonização viviam melhor, aquele a que as pessoas até ansiavam voltar, e o tempo novo, o presente que se vivia, que ela apenas encarnava de noite porque ninguém vivia os ideais da luta de libertação e o povo vivia pior, oprimido e explorado. Aceitar-se-á outra interpretação se lógica, coesa, consistente e à luz do texto. (7)
5. **compadre + ar → compadrear (v.int.)**
A formação do verbo a partir do substantivo atinge, no contexto, um significado mais profundo que contribui para a impressão do sentido de solidariedade complementado pelo gerúndio adjutando. Actualizado pelo morfema derivacional -ear, o semema assim criado (terminado em -ear) sugere, a um tempo, o interesse mútuo e a curiosidade despertados pelas palavras do recepcionista, e a instintiva simpatia surgida entre os dois personagens. Mia Couto tomou, certamente, para base da modificação, o sentido familiar de amigo e companheiro implícito em "compadre". Solidarizados como dois amigos. (3)

6. Sulplício é um neologismo de suplício criado pelo autor. A formação do neologismo é su[l] – de sul – e plício. Sulplício é o povo que sofre, sofrera no tempo colonial e continua a sofrer no presente, é tão explorado que até lhe tiram o esqueleto, fica reduzido a nada. Representa o sofrimento físico intenso provocado propositadamente pelos governantes que, após as promessas da luta de libertação, nada tinham feito. O povo é submetido a sofrimento intenso. Sulplício tinha sido fiscal de caça durante o período colonial. Detinha muito poder e tinha sido alvo de racismo. Por essa razão, nas guerras pela Independência, sofrera muito. Tinha lutado do lado dos coloniais e combatera o seu próprio país. O inimigo dele estava dentro dele e, consequentemente, a dor tinha sido maior. Daí que o seu nome possa ter dois sentidos. (6)
7. pequenin[o] + ar → pequeninar (v.tr.)
A posposição do sufixo ar ao adjetivo pequeno exprime quer a melancolia saudosa da infância, quer o desejo de o narrador poder acolher-se ao conforto do protector colo materno. A palavra envolve, portanto, o sentimento de perda, como se o narrador quisesse retardar a perda da mãe. (5)
8. Sublinha-se aqui a situação de relançamento da língua portuguesa, numa apropriação calibanesca. Uma outra característica que sobressai na linguagem de Mia Couto é a remotivação de lexias. A remotivação de lexias e unidades lexicais originais processa-se mediante (1) a simples permuta da sua ordem original; (2) permuta de um dos sememas por outro que com ele se possa de alguma forma relacionar semanticamente; (3) substituição e algumas lexias; e, ainda, (4) criação de unidades léxicas inéditas na língua.
- Na perífrase destaca-se a substituição de lexias da idiomática 'entregar a alma ao criador'. No outro neologismo destaca-se a criação de uma unidade léxica nova na língua para substituir a idiomática 'num abrir e fechar de olhos'. (5)

Aceita-se uma explicação mais simples e isenta de palavras científicas demasiado avançadas para o nível escolar no estrangeiro.

[35]

PERGUNTA 2 CONTO/SHORT STORY

"Nevoeiro" de Mário Dionísio

1. **Narrador observador omnisciente.** A omnisciência é a consciência, a intuição a respeito de tudo e de todas as personagens. Este tipo de narrador, para além de nos contar os factos, conhece/entende as características particulares das personagens, como são psicologicamente, a sua história de vida, segredos, temores, anseios. Podemos nos aperceber claramente que veicula informações sobre o espaço íntimo e subjetivo do homem anónimo, permitindo-nos, por extensão, a compreensão do espaço social. (5)
2. Não interessa que o nome do protagonista se desconheça, visto ele representar o povo português que vive oprimido e reprimido e sujeito às atuações da polícia secreta e às decisões do regime ditatorial existente no tempo da escrita. Ele é um símbolo, uma personagem tipo (embora ao mesmo tempo dinâmica) que atua como muitos dos portugueses atuavam, uns por se terem comprometido com a mudança da velha ordem, outros por terem consciência do espaço social que os rodeava. De facto, pode dizer-se que o conto é intemporal, visto a sua temática poder-se aplicar a regimes e espaços sociais idênticos que ainda hoje vigoram no mundo. Mudando o nome das personagens para qualquer outra língua, temos um referente diferente. (6)
3. (a) Luísa, Edmundo e os outros eram os seus companheiros, os ativistas contra o governo de ditadura de Salazar que tinham sido levados pela PIDE. Após a prisão, nada mais se soubera deles. O protagonista não sabia o que lhes tinha acontecido, se estavam vivos ou mortos. Senti-los à volta significava não esquecer a resistência; senti-los à sua volta dava-lhe coragem para viver e resistir. (6)
- (b) Nevoeiro representa o governo sem transparência da ditadura de Salazar, durante o qual se vivia a medo e com medo e nada era claro. Por isso a palavra é constantemente repetida numa metáfora do regime. Porém, pode ser-lhe dada uma outra interpretação. O nevoeiro pode também representar o indeterminado, aquilo que é indistinto ou vago. Neste caso, tanto pode caracterizar o regime salazarista como o indeterminado da resistência, toda a sua atuação numa fase de transição onde ainda não se adivinham as mudanças que o movimento de resistência poderá trazer porque ainda vigorava o regime ditatorial. Pode indicar o prelúdio de algo importante que está por vir. (<http://www.significadodossimbolos.com.br/busca.do?simbolo=Nevoeiro>) (6)
4. O povo vivia com medo das atitudes do governo e da polícia política, que era o seu sustentáculo. A mínima palavra, dita até sem intenção, poderia ser o suficiente para serem denunciados e presos. A denúncia poderia vir de próprios amigos pois a escuta espalhara-se como uma aranha que estende a sua teia. Toda a atitude do homem, o seu comportamento, ilustra esta vivência. Um dos exemplos é quando houve um ruído na escada e pensa que é a polícia que o vai prender. Outro exemplo é a maneira como se desloca na rua, a tentar ver através das montras se alguém o segue. (6)
5. Atravessar o nevoeiro significa o fim do regime ditatorial. Se pudesse pôr as mãos nos ombros dos seus colegas, era sinal de que seriam homens e mulheres livres novamente e que a resistência triunfara. (6)

OU

Os candidatos terão de abordar a situação que se vivia em Portugal.
Transcrevo um excerto de um artigo:

Vivia-se o auge da guerra, vivia-se o auge do salazarismo, lutar era um imperativo cívico, escrever sem esse fito era um luxo quase imperdoável. Para conferir um selo de urgência acrescida à sua escrita e contornar simultaneamente as malhas da censura, Mário Dionísio atribuiu na versão original de "Nevoeiro na Cidade" nomes franceses às suas personagens: Edmond, Louis, Evelyne, Suzanne. A ideia era ocultar sob os bastidores da resistência ao regime de Vichy na França ocupada a ação das redes comunistas clandestinas em Portugal.

Dionísio desfez o artil na segunda edição *d'O Dia Cinzento* – datada de 1967, com alterações e ampliações de diversa ordem –, quando a censura se tornou menos severa. Sem deixar de se surpreender com o facto de alguns dos leitores supostamente mais inteligentes da primeira versão do conto mal tivessem entendido que a cidade nunca nomeada no original cenário francês era afinal Lisboa. Uma incompreensão que entroncava com outra das críticas que na década de 40 lhe fizeram à esquerda: enquanto a esmagadora maioria dos autores da primeira corrente neo-realista optava por temáticas rurais, também para melhor iludir os censores, em *O Dia Cinzento* não há marcas de ruralidade. Nisto Dionísio é precursor, como o é também na sua linguagem adaptada a um olhar cinematográfico, que viria a influenciar vários autores.

<http://hojemacau.com.mo/?p=28457>

[35]

PERGUNTA 3 PEÇA DE TEATRO/DRAMA

Joracy Camargo, através do Mendigo, dá expressão a muitas das críticas que naquela altura corriam contra o regime político e governamental do Brasil, exteriorizando ideias esquerdistas e levando muitos cidadãos a pensar. Nos diálogos deteta-se a formulação de conceitos liberais, socialistas e até comunistas que criticam claramente o capitalismo. O Mendigo afirma que preferia trabalhar, mas isto nem sempre é possível, por isso estava determinado a mendigar e até a roubar para conseguir o que a sociedade lhe devia. Ele concluiu que o público desejava a supressão da miséria e da fome, atribuídas ao capitalismo, ao egoísmo. O Outro pergunta-lhe se ele é comunista, mas o Mendigo cala-se porque a palavra amedronta as pessoas, por isso nem era pronunciada.

A peça está eivada de ideais que era muito perigoso exteriorizar no tempo em que foi escrita. Este é o teatro de ideias, o teatro social. No entanto, o Mendigo não é um revolucionário, como se nota ao longo da peça, mas um velho desiludido com a sociedade.

[35]

OU

- 1 1.1 O candidato terá de focar o que aconteceu quando o Mendigo era novo e trabalhava e o roubo de que foi vítima e que determinou a sua vida futura. A resposta deve justificar os 5 pontos. (5)
- 1.2 O Mendigo refere-se aos capitalistas. A resposta poderá ser um pouco mais desenvolvida, com uma pequena explicação adicional que justifique a atribuição dos 2 pontos. (2)

- 1.3 Queria ocultar a verdade, a miséria, o egoísmo e a pobreza. Espera-se um maior desenvolvimento. (5)
2. 2.1 B Analepse (1)
- 2.2 A repetição do r em diversas frases do excerto. Um exemplo poderá ser:
Os animais foram atrelados às carroças dos homens; foram atrelados às carroças que lhes transportam a fortuna (1)
- 2.3 O excerto contém uma crítica ao capitalismo e aos capitalistas que de tudo se apoderaram. Espera-se mais desenvolvimento, mas sempre à luz do texto. (5)
- 3 Resposta livre. Será considerada desde que seja válida e consistente. (6)
4. O candidato terá de explicar novamente o que aconteceu no passado do Mendigo aludindo claramente ao roubo do patrão. (5)
5. Existe a crença de que a esmola diminuirá os pecados quando chegar a altura de serem julgados por Deus. Desse modo, o homem dá esmola na esperança de que os pecados lhe sejam perdoados. Espera-se um pouco mais de desenvolvimento. (5)

[35]

PERGUNTA 4 POESIA/POETRY

1. O poema centra-se na desilusão da vida do eu poético que recorda com saudade o tempo da sua infância, quando era inocente e desconhecia as dificuldades da vida. As lembranças relatadas no poema referem-se a uma data específica, o seu aniversário, que é a referência temporal para o paralelo entre a sua infância e o presente. No presente nada há, existe apenas um enorme vazio. (6)
2. Passado – inocência, esperança, ilusão – a criança não tem a noção das dificuldades que a vida de certeza lhe vai colocar no caminho, nem tem a consciência do que se passa à sua volta. Sentia-se protegido e acarinhado, centro da atenção de todos. O 'terem vendido' a casa é a perda que marca a passagem da criança ao adulto pois percebe que a vida não tem mais sentido.

Presente – desilusão, cansaço espiritual – não há aniversários, em tudo se contrapõe ao passado. Persiste apenas a recordação amargurada, o pessimismo causado pela vida que lhe determina o recordar nostálgico e a angústia presente, tendo a consciência de que o tempo é irreversível. O verso 'hoje já não faço anos. Duro' exprime que, impossibilitado de modificar a situação presente da vida, não vive propriamente, espera apenas o fim. Apenas sobrevive. (8)
3. As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa. (4)
4. B Anáfora (1)
5. O eu poético interrompe o fluxo presente do pensamento para voltar ao passado. Impõe-se um pouco mais de desenvolvimento. (4)
6. O imperativo conota o desespero do sujeito da enunciação. Impõe-se um pouco mais de desenvolvimento. (3)
7. Este verso exprime a conformação com o presente. Não é feliz no presente, vive angustiado, mas o presente está assente num passado feliz e inocente que se contrapõe à falta de perspectivas do presente, a desmotivação que nele domina. Desta forma a frase 'e ninguém estava morto' pode também ser interpretada figurativamente, pois no presente as suas ilusões estão mortas. (3)
8. Esta repetição intensifica a importância dessa data, que pressupõe um ritual que se realizaria todos os anos. Intensifica a saudade que é contraposta à desilusão do presente. Espera-se um pouco mais de desenvolvimento. (6)

[35]

OU

Qualquer autor reflete o contexto geográfico, político, económico, social e cultural em que está inserido, escrevendo, descrevendo e interpretando aquilo que os rodeia

Em Cabo Verde, as temáticas locais são redundantes. Dois temas sobressaem: a emigração e a morte causada pelas secas.

Os autores cabo verdianos apreendem os rumores, a dificuldade da vida, os cheiros, o isolamento causado pelo oceano, simultaneamente liberdade e promessa, e prisão, a ânsia de partir, o desespero das secas, da fome, da sede. Os episódios causados pela seca e pela aspereza da vida são narrados ou postos em verso de uma forma realista, impregnando-os de uma grande dimensão emotiva e humana.

O arquipélado de Cabo Verde situa-se a 455 km de distância da costa ocidental de África, em frente ao deserto do Saara, cuja influência sofre. Esta localização geográfica determina condicionalismos climáticos, nomeadamente as chuvas irregulares e as secas. Os cabo verdianos sentem-se aterrorizados quando sopra o vento leste, o vento que vem do lado do Saara, escaldante e de efeitos devastadores. Podem causar tempestades terríveis e secas prolongadas.

Os cabo verdianos ainda falam da fome e mortandade causadas pela seca de 1947. Estas condições das ilhas são uma ameaça constante no subconsciente do povo e na literatura encontram-se relatos das fomes ou referências a elas. Esta recorrência revela a forma como está gravada na memória do povo.

O poema «Casebre» retrata uma dessas terríveis catástrofes, talvez mesmo a de 1947, que Jorge Barbosa nos transmite com grande realismo.

A notar o primeiro verso, 'Foi a estiagem', a indicar de imediato qual é o tema do poema. Seguidamente, a palavra 'silêncio' como significado de 'sem vida'. Depois a desolação da paisagem assolada pelo harmatão ou vento leste. O eu-poético compara-se aqui a um narrador, a um cronista, diríamos, que faz a crónica da devastação que vê. Na desolação da paisagem há um casebre. Poder-se-ia pensar que é um sinal de vida. Mas a crua realidade aponta para a morte dos habitantes do casebre, que eram três: pai, mãe e filho. Da vida familiar restavam apenas as pedras do fogo, que apontavam para o seu vasto uso anterior e agora abandonadas. Ressalta a aceitação passiva da morte. Não a podendo combater, devido à extrema carência alimentar, foram-se deixando abater devagar até que a asa da morte os levou. A assinalar a aliteração do r que perpassa pelo poema a reproduzir o fortíssimo vento leste que tudo arrasou: O casebre apenas / de pedra solta / e uma lembrança aflitiva / ... / a fúria do sueste / ... / as portas e as janelas / ficaram escancaradas / ... / a padiola mortuária da regedoria / Levou primeiro / o corpo mirrado da mulher / ... / de barriga inchada / que se diria / que foi de fatura que morreu / com os olhos parados / abertos ainda. / Tão silenciosa a tragédia das secas nestas ilhas! / Nem gritos nem alarme / — somente o jeito passivo de morrer! / No quintal do casebre / três pedras juntas / três pedras queimadas / que há muito não serviram. / E o arco do ferro do menino / com a vareta ainda presa.

Apresentou-se apenas alguns dos pontos que os candidatos terão de assinalar. Há, porém, outros aspetos que não podem ser descurados.

[35]

Total: 70 marks